



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS
RAINHA DONA LEONOR

Jornal Académico

Nº 78 — Dezembro 2017

1 €

As Luzes do Bairro



Avenida da Igreja

Foto de Leonor Serra, 9^o 3^a

Alunos de Excelência

Ana Cruz, estudante do 12^o ano da nossa escola (ESRDL), venceu a IV edição do concurso da responsabilidade da APEEP (Associação Portuguesa de Ética e Filosofia Prática).

Nesta entrevista são esclarecidos os detalhes deste ensaio, que os curiosos podem ler na biblioteca da nossa escola.

Páginas 14 e 15



Projeto AR-C²

No presente ano letivo os alunos das várias turmas de 8.^o ano do AERDL estão envolvidos no projeto AR-C² (compreender e crescer). Começaram por fazer uma Visita de Estudo ao Museu do AR (Sintra) e ao Centro Interativo Sintra Mitos e Lendas.

Página 11

Os Nossos Livros, as Nossas Séries, os Nossos Filmes, a Nossa Música

Páginas 12, 13 e 16

Contadores de Estórias

Páginas 20, 21 e 22

O Prémio Literário foi atribuído ao texto *Doutorados Portugueses Escolhem Outros Países* escrito por Diogo Mendonça, 11^o 3^a.

Editorial

Afinal nem tudo foram rosas e delas não se fez pão! O verão acabou há pouco tempo e dele restam más memórias fixadas nas notícias dos incêndios e nos prejuízos por eles causados.

A chuva também chegou há pouco tempo, mas como vivemos na cidade e ela não é aqui precisa, porque aqui não há hortas para regar, achamos que a podemos dispensar ("podia chover só lá para o norte e interior!" – desabafamos.)

Estamos tristes mas temos que avançar e de grandes avanços se fez a maior feira de tecnologias (*Web Summit!*) que, pelo segundo ano consecutivo, trouxe a Lisboa cerca de 60 000 pessoas. E, em momentos reais, os nossos alunos estiveram lá! E, sim, são alunos de excelência que até avançam em *ensaios filosóficos!*

Pena é que tamanha modernidade também não se verifique na aplicação da *Carta dos Direitos Humanos* que está longe de ser cumprida pelas notícias tristes que os avanços tecnológicos trazem até nós em tempo real. É verdade, também temos nota disso!

Mas, acreditamos que tudo irá mudar – não haverá mais floresta ardida (ainda há floresta para arder?), trataremos o meio ambiente com mais cuidado, os direitos humanos passarão a ser cumpridos e, melhor, tudo acontecerá em *start-ups* do futuro.

Sim, porque os jovens não desistem de dar asas à imaginação, de concretizar os sonhos. E cá estaremos nós para estimular a criatividade, nem que seja pelos livros que lemos, pelos filmes que vemos, pela música que ouvimos!

É tempo de Natal e Ano Novo e, por isso, estamos assim – mais esperançados numa nova realidade!



As Coordenadoras

Nesta edição:

Físicaca(em)mente	3
Momentos Reais	3 a 11
Os Nossos Livros/ As Nossas Séries	12 e 13
Alunos de Excelência	14 e 15
Os Nossos Filmes/ A Nossa Música	16
Os Nossos Poetas	17
Os Nossos Artistas	18 e 19
Contadores de Estórias	20, 21 e 22
Cada Cabeça Sua Sentença	23 e 24
SPO	25
Associação de Estudantes	26
CREM	26
Uma Mão Cheia	27



- FICHA TÉCNICA -

COORDENAÇÃO: Ana Veríssimo, Lucília Cid, Sarah Serra **COLABORAÇÃO:** Augusta Crespo
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS RAINHA DONA LEONOR
 Rua Maria Amália Vaz Carvalho, 1749- 069 Lisboa
<http://www.aerdl.eu>

O Novo e o Velho!

Todos os anos letivos há algo novo! Há também coisas que não são tão novas! Esta é uma das coisas boas da escola! É um prazer sempre renovado, num espaço já conhecido para muitos e a descobrir para outros tantos. É uma revisitação de lápis, cadernos, livros e pessoas. Uma profusão de encontros.

Aproxima-se o Natal, outra época de emoções e reencontros. As luzes de Natal estão a chegar e o corruio de pessoas na azáfama das compras já se vai desenhando. Mas o Natal convoca também os diálogos e os sorrisos. Para muitos o Natal encerra uma magia de luz e cor. Para outros significa uma partilha de alegrias e abraços. Para outros ainda será meramente uma palavra. Não é demais celebrar também as palavras: «Cada palavra é um pedaço de universo». E para isso aqui deixo outro célebre texto de Almada Negreiros:

«As mulheres e os homens estavam espalhados pela Terra. Uns es-

tavam maravilhados, outros tinham-se cansado. Os que estavam maravilhados abriam a boca, os que se tinham cansado também abriam a boca. Ambos abriam a boca.

Houve um homem sozinho que se pôs a espreitar esta diferença - havia pessoas maravilhadas e outras que estavam cansadas.

Depois ainda espreitou melhor: Todas as pessoas estavam maravilhadas, depois não sabiam aguentar-se maravilhadas e ficavam cansadas.

As pessoas estavam tristes ou alegres conforme a luz para cada um - mais luz, alegres - menos luz, tristes.

O homem sozinho ficou a pensar nesta diferença. Para não esquecer, fez uns sinais numa pedra.

Este homem sozinho era da minha raça - era um Egípcio!

Os sinais que ele gravou na pedra para medir a luz por dentro das pessoas, chamaram-se hieróglifos.

Mais tarde veio outro homem sozinho que tornou estes sinais ainda



mais fáceis. Fez vinte e dois sinais que bastavam para todas as combinações que há ao Sol.

Este homem sozinho era da minha raça - era um Fenício.

Cada um dos vinte e dois sinais era uma letra. Cada combinação de letras uma palavra.

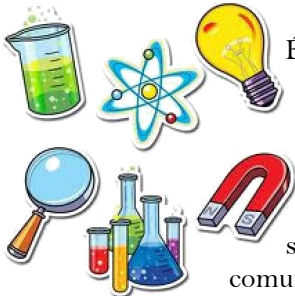
Todos os dias faz anos que foram inventadas as palavras.

É preciso festejar todos os dias o centenário das palavras.»

Feliz Natal 2017!

A Direção

Física(em)mente



É com muita alegria que regresso ao convívio do meu caro Leitor, desta vez não com uma Lei ou um Princípio, mas com uma propriedade que alguns corpos têm, a de se deixarem atravessar pela luz, e que chamamos, comumente, transparência.

Um corpo é transparente a determinada radiação, quando por ela se deixa atravessar. No caso do nosso dia a dia, dizemos que determinado objeto é transparente quando conseguimos ver através dele, ou quando quase não o vemos.

Estará já o meu caríssimo Leitor a intuir por onde corre este texto. É verdade, este texto versa sobre a transparência que sentimos nalguns espaços, e em algumas situações que ocorrem no nosso quotidiano escolar e social.

Muitas vezes comprovo, experimentalmente, que o meu corpo é transparente. Isto sucede com frequência nos corredores, em que a probabilidade de ser atropelada é elevada, acontece também em espaços onde é necessário um atendimento, pois quem deveria fazer esse atendimento olha através de mim e não me vê. Registo também, que ocorre no decurso das aulas, nas situações em que é necessário chamar alguém à atenção, ou em que o foco deixa de ser o trabalho e passa a ser algo diferente.

Mas, se a transparência é uma propriedade/comportamento que a matéria tem, então poderei eu ser

transparente e opaca, ao mesmo tempo?

A resposta é sim, e também é não.

E agora, o meu Leitor estará a abanar a cabeça, dizendo que estraguei tudo. É bem provável, estimado Leitor, no entanto, peço-lhe o benefício da dúvida.

Posso afirmar que sou um corpo opaco perante a luz visível, pois não sou atravessada por esta. Mas, sou transparente para os raios γ (gama), ou seja, alguém que só visse os raios γ , não me conseguiria ver a mim, nem ao meu Leitor. Algo curioso sucederia com alguém com visão na região dos raios X, pois, quando sou atravessada por esta radiação, sou simultaneamente transparente e opaca, ou seja, as pessoas veriam apenas o meu esqueleto, bem como o do meu caro Leitor, pois só os ossos são opacos aos raios X, sendo o resto do corpo, transparente.

Agora justificarei a resposta de que não sou opaca. Não sou opaca pois a luz com que sou iluminada, luz visível, não me consegue atravessar, e como todos vemos nesta região do espectro eletromagnético, então tenho as características de um corpo opaco, ou seja, sou visível, embora, em determinadas ocasiões, me apetecesse não o ser!

Despeço-me do caríssimo Leitor, desejando-lhe, e à sua família, um Feliz Natal repleto de bens visíveis e invisíveis!

MFM

Grupo de Teatro

«*Pois assi se fazem as cousas.*»



Aos pouco vão chegando, cada um com as suas secretas expectativas, mas sempre na esperança de encarnar uma personagem e entrar no enredo de uma qualquer história. Uns lá no fundo desejam o papel principal, mas por timidez dizem que preferem um papel com poucas falas para aos pouco irem "descascando" a sua timidez.

Vêm sempre à procura de um grupo com o qual se possam identificar e de um espaço onde possam sair da rotina das aulas.

Do ano anterior vieram alguns alunos, agora no 9º e 10º ano, que trouxeram a vontade de voltar a representar a *Farsa de Inês Pereira*, de Gil Vicente e a eles juntaram-se mais alguns alunos do 8º e 10º. Os ensaios têm decorrido e os adereços já foram escolhidos, mas é preciso repetir o

texto, criar cada personagem e construir cada espaço cénico. Depois o desafio é transportar o público para uma época diferente, onde estão presentes ilusões, traços de carácter particulares e muitas tricas. Ficarà ao critério de cada um descobrir as semelhanças com os nossos dias.

Se não for em dezembro, em janeiro os holofotes estarão virados

para estes alunos que fazem com que o grupo de Teatro da Escola Rainha Dona Leonor tenha voz e corpo.

Até lá, incluam o teatro nos momentos culturais e de lazer das vossas vidas!

Conceição Pedro



Grupo Coral

Este ano não temos Professor de Música para acompanhamento musical, pelo que retomaremos o formato de anos anteriores, acapela, ainda que mais exigente e menos fácil. As nossas apresentações serão por isso mais informais e com duração de minutos, em formato "flash", em espaços da escola, nas proximidades da escola ou em outros espaços.

Na segunda feira, dia 10 de outubro, comemorou-se o Dia de Ação de Graças no Canadá. Cantámos na escola o LET'S BE THANKFUL junto à entrada e, depois, fomos até à Av. da Igreja...alegrar os transeuntes.

**O Grupo Coral da
Escola Secundária Rainha
Dona Leonor dá-te as Boas Vindas
e convida-te para
aprenderes algumas canções do nosso
repertório habitual.**

Se não as conheces, pensa aprendê-las.
Se já as conheces, vem cantar connosco.

CHOIR

**ENSAIOS na Sala 103, RDL
2ª f. - das 13. 35 às 14.25.**

Let's Be Thankful, Joy to the World, Amazing Grace, Oh When the Saints, Oh Happy Day, Down by the Riverside, He's got the Whole World in His Hands, ...

More than words is the heart's voice!

Visita de Estudo à Igreja de São Roque



No dia 15 de novembro, duas das turmas de 11º ano (turma 1 e 2) foram a uma visita de estudo à igreja de São Roque, em Lisboa, no âmbito da disciplina de Português. As turmas foram acompanhadas pelas professoras Ana Veríssimo (de Português), Ana Bispo (de Matemática) e Maria Gabriela Moreira (de Biologia).

As duas turmas partiram, separadamente, da Escola Secundária Rainha Dona Leonor por volta das nove e quarenta e cinco da manhã, chegando à estação de metro Baixa-Chiado

cerca de 20 minutos depois. Andaram um pouco e chegaram, então, à famosa igreja de São Roque. Esta igreja tem duas atrações principais, todas ligadas ao célebre período barroco (séc. XVI-XVII). Foi feita uma introdução à porta da igreja, sobre a história e a fachada da mesma e do museu; os alunos aprenderam que esta foi construída no sítio da antiga ermida manuelina, no século XVI, sendo o seu arquiteto Afonso Álvares, mestre-de-obras de D. João III. Deste modo, perceberam melhor o contexto e a historicidade daquele local sagrado. Já dentro da igreja o monitor salientou os aspetos mais importantes da vida de Padre António Vieira e os motivos que o levavam a pregar e também várias das características do barroco aqui presentes, tais como o lindíssimo teto e as janelas no nível superior que pretendem imitar a Igreja onde Vieira pregava no Brasil, a Catedral Basílica Primacial São Salvador.

As turmas foram divididas em grupos, ficando cada um com um monitor. Os alunos aprenderam mais sobre as ornamentações do barroco e sobre as características das capelas dos cristãos novos, onde se realça a simplicidade com colunas direitas revestidas a talha dourada e dos cristãos velhos, saltando à vista, a excessiva decoração com talha dourada, colunas em espiral e elementos de mármore embutidos. Os alunos puderam entrar numa das capelas para apreciarem a decoração e as suas pinturas fenomenais.

Quando a visita terminou, as turmas regressaram à escola. O que os alunos mais gostaram foi das capelas e as informações detalhadas sobre a vida e obra de Padre António Vieira que superaram as expectativas. Deste modo os alunos puderam sentir-se no século XVII em pleno século XXI.

Beatriz Veiga Marques, 11º 1ª

Exposição "Ana Hatherly e o Barroco"

As turmas do 11º ano, 3 e 4, deslocaram-se à Fundação Calouste Gulbenkian no âmbito da disciplina de Português, com o intuito de visitar a exposição-ensaio "Ana Hatherly e o Barroco - num jardim feito de tinta". A exposição não só se centra na influência do Barroco nas obras da artista, como Ana Hatherly revaloriza esse período histórico, modificando a nossa conceção do passado. O percurso expositivo passa por várias categorias essenciais do Barroco, por exemplo, a representação do mundo como um Labirinto.

Ana Hatherly foi-nos descrita como uma mulher dotada em mais do que um campo, tendo estudado canto lírico e destacando-se profissionalmente nos ensaios e investigação académica, na escrita de poesia e prosa, nas suas re-colagens e desenhos, *performances* e filmes. O que me causou mais admiração foi o espírito reinventivo da artista que conseguiu pegar na época tão distante que é o Barroco e transformá-la por completo no contemporâneo.

A exposição, de subtítulo

"Jardim feito de tinta", combina obras já conhecidas barrocas com uma aura misteriosa e enigmática composta por jogos de palavras, signos e labirintos.

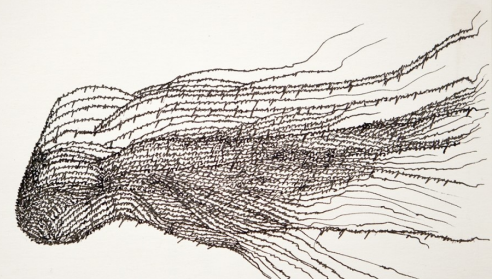
Como é possível alguém ter a criatividade necessária para dedicar o trabalho de uma vida a relacionar duas épocas e técnicas tão opostas e independentes? Ana Hatherly prova-nos, através desta exposição incrível, que com trabalho árduo e um toque de genialidade não existem impossibilidades no mundo da arte.

Para concluir, nada melhor do que as palavras da artista: "(...) por entre o cosmos e o caos/ o poeta olha o mundo/ e reinventa-o/ no seu jardim feito de tinta."

Ema Sá, 11º 4ª

Nesta exposição, pude conhecer Ana Hatherly, uma escritora e pintora contemporânea que estudando o Barroco antigo se inspirou nele para os seus trabalhos.

O que mais me impressionou, mesmo assim, foi a manifestação da arte barroca em azulejos da Antiga



Ana Hatherly (1929-2015)
«Os Anjos Suspensos», 1998. Tinta da China sobre papel. 13 x 20 cm Museu Calouste Gulbenkian – Coleção Moderna. Inv. DP1761

Pérsia, ornamentados com pequenos excertos do Corão; no Japão, os desenhos surgiam entre versos e em Espanha e Portugal, surgiam labirínticas formas de escrita...

Diogo Mendonça, 11º 3ª

Os pontos mais altos da visita foram, na minha opinião, os manuscritos em "labirinto" e as pinturas antigas que usavam a técnica de claro escuro, mostrando um fundo negro com figuras destacadas em tons claros.

Também os quadros cujas figuras eram frases em posições diversas, criando efeitos que ao longe não eram decifráveis.

Teresa, 11º 4ª

O 10º 10ª foi à Fundação Millenium BCP

Visita Performativa: (Surreal)ismo e outros fenómenos poéticos- Fundação Millenium BCP, no âmbito das disciplinas de Filosofia e Geometria Descritiva

“O movimento surrealista português recuperou o cadáver esquisito do movimento francês, e praticou-o, tanto em expressões plásticas como literárias, indo do desenho a quadros de grandes proporções, e da simples frase ao poema extenso. Mário Cesariny, surrealista português, publicou *Antologia do Cadáver Esquisito*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1989, onde divulgou a riqueza e diversidade dos “cadavre exquis” do movimento surrealista português.”

Texto adaptado SARAIVA M.F.A. P.M., *O Surrealismo em Portugal e a*

“Dessa boca vai sair alguma,
Asneira
É uma palavra má
Más
São as atitudes que desrespeitam
Deus
Sabe que um dia iremos
Vê-lo
Atrás da
Porta
É um obstáculo para impedir o
Indivíduo
Pequenino e Peregrino
Segue
Deus é vida, Deus é senhor, Deus é
Poderoso, Deus é
Amor
É algo que eu evito
Bha,
Já viste a cor azul profunda do céu
Limpo

É o nosso futuro, pois ainda não o
Vivemos
Tempo demasiado e não fazemos
nada com
Ele
Chorava ao pé da
Mãe
Más, todas elas muito más. Ninguém
as queria por perto, apenas
As almas
Devem seguir o seu caminho e sentirem-se
livres
Se
A vida real é real, o que é a morte?
Morte
É uma coisa que ninguém deseja
Desejo
Que vamos todos
Viajar
No mar azul sobre as pequenas
Ilhas

Do nosso pensamento
Estranho
que me corre pelo
Sono
Porque dá vontade de querer e poder
sonhar
Magia
No teu olho é azul e lembra-me o
céu, o mar, de boas e más
Memórias
De tudo o que
Eu
Já vi mais do que devia.
Devia.

Lisboa, 14 de Novembro de 2017

**Cadavre Exquis, Jogo coletivo
de expressão literária,
da turma 10º 10ª**

Ser Moderno é ... Fundação Calouste Gulbenkian



Com o intuito de consolidar o tema do Modernismo, introduzido em aula, visitámos uma das mais completas coleções de arte moderna e contemporânea portuguesa, que integra mais de dez mil obras, desde o final do século XIX até à atualidade.

[...] fomos conduzidos ao piso inferior onde se encontravam vários tipos de arte e literatura modernista.

Amadeo de Souza-Cardoso foi um dos grandes nomes referidos nesta parte da visita. Um dos pioneiros do modernismo português fez de tudo um pouco, desde aguarelas, que são essencialmente compostas por manchas de tinta, a desenhos e esboços que são feitos com traços coloridos ou a grafite. Nestes trabalhos é de salientar as cores vibrantes e as formas geométricas, que transformam um simples instrumento musical num objeto de arte.

A inovação no mundo da arte e da literatura é essencial quando se fala de modernismo. Tanto as revistas, nomeadamente, a “Portugal Futurista” e a “Orpheu” como as primeiras fotografias tiradas nessa época revelam essa grande vontade de mudar as regras, trazendo elementos

novos e nunca antes vistos.

No terceiro e último piso da exposição foi-nos apresentado o surrealismo na pintura, caracterizado pela recusa na representação da realidade como a vemos. Corpos humanos com cabeças de animais ou aves com as asas em forma de mão humana são, apenas, exemplos dos elementos que podem ser observados nestas obras, que podem ter até um carácter cómico, numa primeira abordagem.

Almada Negreiros, outro participante fulcral nas vanguardas modernistas, tem também uma forte presença na Coleção Moderna. Os sombreados e as proporções exageradas e anatomicamente incorretas foram as duas características mais salientadas quando nos foi apresentado.

(Continua na página 7)

(Continuação da página 6)

Voltando à obra de Souza-Cardoso, vimos a influência que a cidade de Paris teve no artista. Elaborou pinturas que revelam o seu talento e excelência na execução de processos complicados como, por exemplo, a repetição de traços e formas, que sugeriam movimento. Nas suas pinturas, abstratas ou cubistas, utilizava, ainda, várias técnicas numa só tela como a colagem em simultâneo com a pintura.

Eduardo Viana, o último nome mencionado, também foi pioneiro na reinvenção da pintura. Inspirado por

“[...] *Ser moderno é como ser elegante: não é uma maneira de vestir mas sim uma maneira de ser. Ser moderno [...] é ser o legítimo descobridor da novidade.*” Muitas vezes chamados vanguardistas, Almada Negreiros, Amadeu de Souza-Cardoso, Santa Rita Pintor, entre outros, desafiaram as convenções naturalistas predominantes na pintura em Portugal.

A nossa guia realçou exatamente a diferença entre estes dois estilos, o naturalismo e o modernismo e, para tal, mostrou-nos vários quadros das duas escolas. Enquanto no primeiro estilo se procurava representar a na-

«Fez todo o sentido irmos conhecer outras formas de expressão da arte moderna, de expressão da rebeldia e tendência para a transgressão, comum a todos os vanguardistas modernos. Esta expressão não se fez só por palavras, mas também via pintura, desenho, escultura e fotografia, no



Almada Negreiros

Sonia Delaunay, utilizou retalhos de tecido colados sobre a tela para fazer o vestido de uma boneca de trapos, adicionando-lhe textura e relevo.

Esta exposição ilustrou a vertente artística do modernismo e permitiu a todos os alunos que participaram na visita ficarem a conhecer nomes e obras importantes no mundo da arte. Foi um sucesso!»



Amadeu de Souza-Cardoso

**Rita Antunes
e Patrícia Trindade 12º 5ª**

tureza da forma mais fiel possível, no modernismo a pintura transmitia os sentimentos e a individualidade de cada artista. Uma das razões que motivou esta quebra de ideologias foi a invenção da máquina fotográfica, desprezando assim o método naturalista.

Tivemos a oportunidade de ter uma “aula” num sítio com um dos jardins mais bonitos de Lisboa sendo que ficámos lá mais um bocadinho, claro!

**Eleonora Sacco,
Raquel Calhau, 12º1ª**



Eduardo Viana

séc.XX.

E ali estava a peça em que se observa um padre a guardar rebanhos (que se relaciona muito bem com a obra-prima de Alberto Caeiro *O Guardador de Rebanhos*). Fizemos uma interpretação coletiva do significado disto e chegámos à conclusão que esta análise é subjetiva e pessoal, cabendo a cada um dar-lhe o seu próprio significado. Liga-se esta subjetividade à secção da exposição que visitamos em seguida: as pinturas. Esta foi, sem dúvida, a parte que mais me interessou pois abarcou imensos artistas que mudaram mentalidades em Portugal e não só, naquela época.

«[...]Tivemos o prazer de observar várias pinturas de artistas como Amadeu de Souza-Cardoso, Eduardo Viana entre outros, das quais destaco uma de nome “Avant la corrida” de Amadeu de Souza-Cardoso de quem gostei particularmente, sendo talvez a minha preferida de todas as que tive a oportunidade de observar, pela

Uma das obras que mais me fascinou foi uma obra coletiva de 5 artistas que pintaram a sua parte da tela sem terem conhecimento do que os outros tinham representado. É curioso como no fim, quando se observou o conjunto dos 5 trabalhos, todos se relacionam, não muito, mas o suficiente para reconhecermos semelhanças. Nesta exposição ficamos a conhecer melhor o artista Almada Negreiros, visto só conhecermos o escritor. Também há uma parte um pouco mais política da exposição, com um quadro da Paula Rego “Salazar a vomitar a pátria”»

Teresa Pinto, 12º 2ª

escolha de cores (cores complementares) e pelas curvas que nos dão uma perceção de movimento. De Eduardo Viana, destaco “La petite” pela técnica mista utilizada (este artista utilizou nesta sua obra tanto a pintura como a colagem).»

Sofia, 12º 2ª

Alunos do 12º ano assistem a uma das maiores conferências globais de tecnologia, a *Web Summit*.

De 6 a 9 de novembro, Lisboa foi palco da maior conferência europeia de empreendedorismo, tecnologia e inovação – a Web Summit. Durante estes dias, o megaevento foi acompanhado por todos: pela comunicação social, por investidores, por curiosos e até por quem anda à procura do que quer fazer no futuro, como é o caso das três turmas do 12º ano que, acompanhadas pela Professora Fátima Magalhães, tiveram a oportunidade de assistir a um dos maiores eventos tecnológicos do mundo. Com efeito, no passado dia 7 de novembro, os alunos do 12º3ª, do 12º4ª e do 12º5ª encontraram-se, às 8h45, à porta do Altice Arena, por onde passaram representantes de mais de vinte mil empresas, dois mil jornalistas e sessenta mil pessoas de cento e setenta países diferentes.

Nesta terça feira, preenchida por excelentes palestras, discursaram celebridades daquelas que, hoje, são consideradas as empresas com maior destaque internacional. Jared Cohen, fundador e CEO da Google Jigsaw na Alphabet Inc., foi um dos primeiros a tomar a palavra, tendo abordado um tema extremamente interessante, dada a sua controvérsia: “como evitar uma guerra cibernética”. Na parte da tarde, reuniram-se personalidades como, entre outros, Zander Lurie (CEO da SurveyMonkey), John Krafčik (CEO da Waymo) e Brian



Krzanich (CEO da Intel Corporation).

Houve quem tivesse gostado mais de umas palestras e quem tivesse preferido outras, todavia, as opiniões foram unânimes em alguns aspetos: assim que pisou o palco, Sophia, o humanoide mais perfeito até à data, dominou a atenção da audiência. Efetivamente, parece incrível como este robô é a prova de que, hoje, a interação entre máquinas e humanos já não é do domínio da ficção científica. Em conversa com uma versão robótica e igualmente fascinante de Albert Einstein, Sophia, produto da empresa Hanson Robotics, defendeu a ideia de que “somos todos somente configurações de moléculas” e falou sobre o papel que os robôs podem desempenhar na sociedade.

Sophia foi, de facto, uma das estrelas desta feira da tecnologia, mas

não foi a única, já que o convidado mais bem-recebido foi, sem dúvida, o físico Stephen Hawking. Embora não estivesse fisicamente presente, Hawking surgiu nos ecrãs gigantes inesperadamente e a sua imagem provocou, de imediato, uma onda de aplausos. Através de um vídeo, o físico falou sobre o que pensa ser “a melhor ou a pior coisa para a humanidade” – a Inteligência Artificial, área que continua a levantar várias questões.

Despertadas para realidades que ambicionam poder inovar e para inovações que desejam ajudar a realizar, as três turmas abandonaram o pavilhão, às 17h, com a certeza de terem viajado no tempo, para serem personagens de um futuro que, afinal, está muito mais presente do que se pensa.

Ana Cruz, 12º4ª

Para quem não sabe, Web summit é um congresso de tecnologia, bastante conceituado a nível mundial. Foi criado em 2009 e desde 2016 tem vindo a ser realizado em Lisboa. Neste congresso, marcam presença grandes nomes da tecnologia e de outras áreas. Porém, todos têm o mesmo propósito – relacionar as suas áreas com o avanço tecnológico.

Há que salientar o facto de a escola ter estado atenta a esta iniciativa, conseguindo bilhetes grátis para vários alunos do Rainha Dona Leonor, proporcionando aos mesmos um dia de aulas diferente. Os intervenientes tinham um discurso bastante fluido e cativante, se bem que nem todos

falaram dos aspetos mais interessantes para nós, o que não era um problema, visto que podíamos sair e entrar no pavilhão sempre que quiséssemos. O problema era, para muitos, as apresentações serem em inglês.

A conferência de que mais gostamos foi a da Inteligência Artificial que tinha como participantes a *Sophia* e o *Professor Einstein* (ambos robôs). Foi assustador e ao mesmo tempo excitante ver o nível a que a tecnologia chegou! Dois robôs num palco, a terem uma conversa, a responder a perguntas, a contarem piadas e a rirem-se como se de humanos se tratassem.

Ainda há muito a ser feito neste âmbito e daí ser uma das áreas com

maior crescimento científico. Penso que é uma ciência perigosa mas, se bem usada, muito útil.

A parte mais prática do congresso e as apresentações que gostávamos mais de ter visto estavam todas nos pavilhões da FIL a que não tínhamos acesso.

No geral, o congresso estava bastante bem organizado, como seria de esperar para algo desta dimensão e, para o ano, se tiverem a oportunidade de ir, não a percam!

Esperemos que um dia seja um de nós a estar em palco!

José Pedro, Miguel Bandeira e Rafael, 12º 2ª



O Rainha No Campo!

No dia 26 e 27 de outubro as turmas 11^o6^a, 11^o7^a e 11^o9^a foram visitar a Herdade do Freixo do Meio, perto de Montemor-o-Novo. A herdade do **Freixo do Meio** é um projeto iniciado em 1990, pela nova geração de proprietários. Trata-se de uma herdade alentejana tradicional em que se foram aos poucos introduzindo novas formas de produção e, principalmente, uma visão inovadora do que deve ser a **utilização dos recursos naturais**, a construção da paisagem e os modos de produção agrícola.

A visita iniciou-se com uma aula na antiga escola da herdade em que o proprietário, Alfredo Sendim, nos explicou a sua visão da empresa e o significado de Montado, Agroecologia, Permacultura e Soberania Alimentar.

Depois da aula iniciamos a visita à herdade e às diferentes áreas de produção agropecuária. Percebemos o significado de “agricultura biológica” e de como numa empresa destas tudo se aproveita e tudo se transforma. O nosso “guia”, Sven, um jovem geógrafo alemão que trabalha atualmente na herdade, mostrou-nos os diferentes tipos de produções vegetais e animais e algumas das áreas de transformação.

Claro que o que mais adoramos, e aqui não foram só as



meninas, foram os animais, especialmente os borregos pequeninos! “Muito fofinhos” segundo o Sven!

Depois do almoço visitamos Montemor, vimos a vista do castelo e ainda conhecemos o “Espaço do Tempo”, uma associação cultural que desenvolve projetos de artes performativas a nível local, mas também com ligações internacionais.

Obrigado stores, obrigado Alfredo e Sven, foi sem dúvida um belo dia no campo!

Turmas 11^o6^a e 11^o7^a

Visita de Estudo à Herdade do Freixo do Meio a ao Castelo de Montemor o Novo

Durante o percurso observou-se a gradual transformação da paisagem que foi adquirindo características cada vez mais rurais, sendo os edifícios de habitação, serviços e as indústrias, progressivamente substituídos por campos agrícolas ocupados com florestas e culturas diversas. Trata-se de uma exploração singular ao promover a inovação dos processos produtivos utilizados na atividade agropecuária, valorizando a utilização sustentável dos recursos endógenos de forma a produzir alimentos de qualidade com certificação biológica. Ao longo da

visita, salientou-se a importância do “Montado”, um ecossistema tipicamente mediterrâneo, bem adaptado ao clima quente e seco do Alentejo e resistente aos incêndios, caracterizado pela associação do sobreiro e azinheira (espécies primitivas da floresta portuguesa), de elevado valor económico não só pela produção da cortiça, mas também pela criação de espécies de gado autóctones produtoras de carne de qualidade (como é o exemplo do porco preto), o olival, a apicultura, produtos hortícolas diversos e as valorizadas atividades de turismo em espaço rural como o Agroturismo. O en-

quadramento histórico do castelo de Montemor (foi aqui que em 1496, o rei D. Manuel I tomou a decisão histórica de enviar Vasco da Gama na sua viagem marítima até à Índia), possibilitou a observação da paisagem envolvente, analisando-se as características particulares da vasta planície através de uma perspetiva eminentemente geográfica, consolidando os conhecimentos anteriormente adquiridos. A inovação do projeto agrícola visitado, apelando também ao nosso contributo para o desenvolvimento de um mundo mais humano e sustentável, juntamente com a visita ao castelo e todas as fotos tiradas, ajudaram a materializar as memórias de um dia bem passado.

*Texto redigido com
a colaboração de
Madalena Lima, 11^o 8^o*



CIBA Aljubarrota



As turmas do 10º 1ª e 10º 2ª visitaram o Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota (CIBA) e o Mosteiro de Santa Maria da Vitória localizados na Calvaria de Cima e na Batalha.

No centro de batalha, para além da apresentação de fósseis, pinturas e réplicas foi-nos apresentado um minifilme exclusivo num local isolado que replicava

o ambiente sentido pós batalha entre os combatentes portugueses e castelhanos, com corpos e armas das duas frentes no chão e fossas onde os cavalos caíram. O minifilme tratava-se de uma adaptação das *Crónicas de Fernão Lopes de D. João I*, que adapta brevemente os acontecimentos da crise dinástica de 1383 a 1385, do cerco de Castela a Lisboa, mas focando-se principalmente na batalha de Aljubarrota.

Após essa batalha, foi construído o Mosteiro da Batalha que visitamos de seguida. O Mosteiro é um edifício gótico com comprimentos invulgares para construções medievais daquela época e faz parte do património Mundial da UNESCO. Os locais que nos captaram mais interesse foram a capela do fundador onde se encontra o túmulo de D. João I e D. Filipa de Lencastre, a sala do capítulo onde se encontra o túmulo de um soldado desconhecido e finalmente os claustros de D. João I e D. Afonso V.

Daniel Rodrigues, 10º 2ª

Depois de uma longa mas agradável viagem de autocarro e com a ajuda de uma simpática guia, começámos então a perceber como decorreu a batalha, em que se baseia o conhecimento que temos hoje sobre Fernão Lopes e as suas crónicas. Enquanto o conhecimento sobre a batalha em si e o interessantíssimo contexto político foi consolidado logo de seguida com um filme muito interessante, fácil de compreender, com bons atores e bem executado, e com um cenário que me espantou pela sua complexidade, o conhecimento sobre Fernão Lopes foi apurado depois, noutra sala, onde também pudemos experimentar uma armadura e observar imagens de iluminuras lá fora, onde a nossa visita ao centro foi concluída, vimos onde a batalha decorreu.

A visita ao Centro de Interpretação foi uma experiência de aprendizagem deveras divertida, e foi fantástico poder estar no mesmo sítio que Nuno Álvares Pereira escolheu a dedo para decorrer uma das batalhas mais decisivas do reino de Portugal.

Francisca Pedrosa Salema, 10º 2ª

As crónicas (antes e durante o século XV) não eram inteiramente credíveis, enumeravam apenas acontecimentos e tinham muitos floreios para agradecer às “classes superiores” da época. No entanto, Fernão

Lopes comprometeu-se a relatar com a maior veracidade e simplicidade possíveis acontecimentos que ele não presenciou (como é o caso dos acontecimentos relatados na Crónica de D. João I).

Daniela Flaminio, 10º 1ª

Parámos para almoçar. O almoço apesar de espartano, foi muito bom pois o sítio escolhido e todos os alunos (e gatos), proporcionaram uma excelente refeição. Às quatro horas, encontrámo-nos todos à porta da Igreja do Mosteiro. Seguiu-se a entrada e visita da Igreja, seguida de um “pequeno espetáculo” que se desenrolou na Sala do Capítulo do Mosteiro, o render da guarda em honra ao Soldado Desconhecido que representa todos os patriotas que morreram naquela que foi um dos episódios mais tristes da história mundial.

Assim que esse terminou, andámos pelo Claustro de D. Afonso V, pela Capela do Fundador e pelo antigo refeitório, onde atualmente se pode observar as oferendas ao Soldado Desconhecido. Após tudo isto, saímos e com grande pesar meu, mas também de alguns colegas, não vimos as famosas Capelas Imperfeitas, dando-se assim a sem mais longas demoras a nada desejada partida.

Gabriel David Barros, 10º 1ª

Esta visita constituiu uma emocionante viagem a 14 de agosto de 1385, dia em que as tropas portuguesas, em grande inferioridade numérica, comandadas por El-rei D. João I, na retaguarda, e por D. Nuno Álvares Pereira, o Condestável, na frente de combate, venceram o exército castelhano, com a sua estratégia e ajuda dos aliados ingleses. Esta vitória marcou o fim da crise de 1383-1385, a consolidação de D. João I como Rei de Portugal, o primeiro da Dinastia de Avis, e a afirmação da aliança Luso-Britânica. Um ano depois, D. João I assinou o Tratado de Windsor e casou com D. Filipa de Lencastre. Deste casamento nasceu a Ínclita Geração, de onde se destacam D. Duarte, futuro rei de Portugal, o Infante D. Henrique, impulsor dos Descobrimentos, e D. Isabel que, através do seu casamento com o rico Duque de Borgonha, ajudou a financiar os Descobrimentos.

Como tributo a esta vitória, D. João I mandou edificar, a poucos quilómetros do campo de combate, o Mosteiro da Batalha, ou de Santa Maria da Vitória, visitado a seguir.

No Mosteiro, usou-se uma ficha que serviu de guião de visita ao monumento e de avaliação do seu imponente género gótico. É um mosteiro dominicano, considerado património mundial pela UNESCO e uma das sete maravilhas de Portugal. Em 2016, ganhou o estatuto de Panteão Nacional, uma vez que aí estão sepultados D. João I, D. Filipa de Lencastre, D. Duarte, o infante D. Henrique, o infante D. João, D. Isabel, D. Fernando, D. Afonso V, D. João II e também o Soldado Desconhecido.

Foi uma visita à história, cultura, arquitetura e língua Portuguesa do séc. XIV.

Sara Carreira, 10º 1ª

Projeto AR-C² (compreender e crescer)

No presente ano letivo os alunos das várias turmas de 8.º ano do AERDL estão envolvidos no projeto AR-C² (compreender e crescer).

Começaram por fazer uma Visita de Estudo ao Museu do AR (Sintra) e ao Centro Interativo Sintra Mitos e Lendas. De acordo com a maioria dos alunos, foi interessante.

No presente, além de leituras, os alunos fazem pesquisa e registam ideias para conhecer melhor o AR nas suas várias abordagens possíveis.

A construção de papagaios de papel e a sua exposição é um dos objetivos deste projeto, que já conta com muitas outras ideias!

Margarida Alpalhão



Foto de Diogo Carrazedo, 8ºB

No dia 17 de outubro de 2017, a nossa turma foi ao Museu do Ar e ao Centro Interativo Sintra—Mitos e Lendas.

De manhã visitámos o Museu do Ar, fomos de autocarro e a viagem foi boa, pois podíamos observar a deslumbrante natureza de Sintra. Quando entrámos no Museu do Ar fomos logo recebidos por um militar. Ao

longo da visita pudemos observar os primeiros aviões ali existentes e pudemos ir ao interior de alguns deles. A visita ao Museu do Ar foi muito agradável e o senhor militar Correia (militar que nos guiou a visita) era muito simpático.

Acabámos a visita ao Museu do Ar e fomos para o parque de merendas almoçar. No fim do almoço fomos brincar pelo jardim que havia lá. De

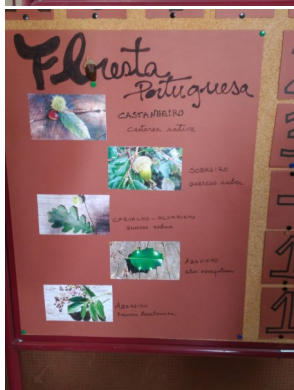
seguida fomos ao Centro Interativo de Sintra. Foi uma experiência muito engraçada pois entrámos em grupos pequenos e utilizámos headphones para ouvir as explicações gravadas no aparelho que tínhamos colocado ao pescoço.

A visita foi muito engraçada e divertida. Uma experiência a repetir!

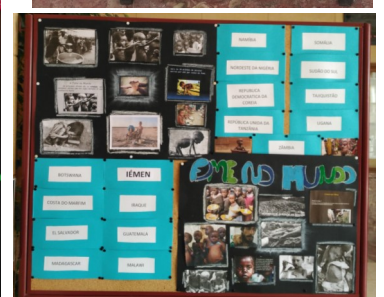
Lourenço Oliveira, 8ºB

Trabalhos realizados por alunos do 2º ciclo no âmbito das Ciências Naturais

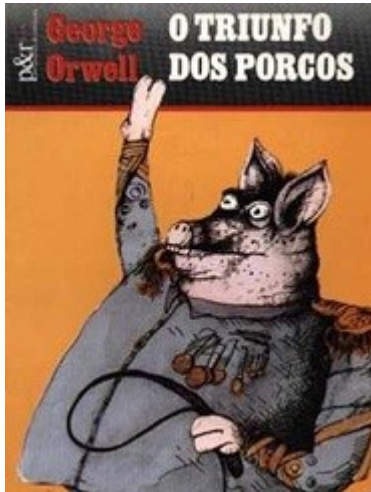
Dia da Floresta Autóctone



Dia da Alimentação



O Triunfo dos Porcos



O livro *O Triunfo dos Porcos* é um livro escrito por George Orwell e publicado em 1945. Este livro apresenta uma sátira política sobre a União Soviética.

A história começa com uma quinta gerida por um homem chamado Jones, onde os animais são maltratados e mal alimentados. Um porco chamado Major introduz os animais da quinta

numa filosofia que lhes pode melhorar a vida: o animalismo. O animalismo defendia que os animais deviam controlar a quinta sem o domínio dos humanos e partilhar os produtos que a quinta produzisse. No entanto, Major falece antes de se poder executar a revolução, deixando Snowball e Napoleão como líderes dos animais.

Eles trabalham em conjunto e, depois de uma revolução sangrenta, libertam a quinta do controlo dos humanos. Os porcos instalam-se como líderes da quinta e os animais veem as suas condições de vida melhorarem; mas a partir daí começam as divergências entre os dois. Snowball e Napoleão lutam pelo poder da quinta acabando com Snowball a ser exilado. Depois disto, Napoleão começa a modernizar a quinta criando um moinho de vento para

gerar eletricidade e ao mesmo tempo começa a consolidar o seu poder eliminando aqueles que se lhe opunham. Antes da construção do moinho ser concluída, uma tempestade destrói parte dele. Napoleão aproveita-se da situação para culpar Snowball e torná-lo assim no bode expiatório para todo o tipo de infortúnios que acontecem na quinta.

Ao longo do tempo os porcos começam a ficar cada vez com mais regalias. Primeiro ficam com rações extras, depois começam a utilizar a casa de Jones que, no início da revolução, tinham acordado que não seria utilizada pelos animais e, no final, os porcos começam a beber álcool e a vestir-se com roupas humanas.

O livro acaba com os porcos a fazerem um acordo com os humanos a quem combinaram vender os produtos. Os animais veem isto e dizem que os porcos se tornaram iguais aos humanos.

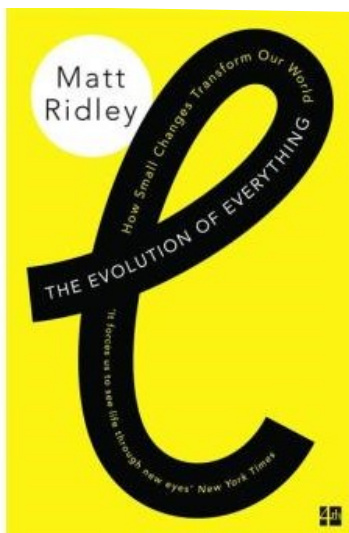
Neste livro, é muito perceptível o paralelismo entre as personagens e os seus equivalentes no mundo real; por exemplo, Major é claramente Lenine, Napoleão será Estaline e Snowball será Trotsky. Criticam-se as políticas estalinistas tal como a eliminação de toda a oposição e a corrupção política, moral e ideológica que se instalou depois na URSS.

No geral, este livro é importante para se ter uma visão mais completa sobre a URSS e a sua formação ideológica.

Independentemente da posição política do leitor, este livro vale a pena e é de fácil leitura.

Alexandre, 11º 4ª

The evolution of everything (A evolução de tudo)



Matt Ridley, escritor e evolucionista inglês, convida-nos a mergulhar nas entranhas do nosso próprio mundo até um ponto tal que chegamos a questionar a própria posição do governo no funcionamento diário da sociedade, se é que ele tem sequer um lugar nas nossas vidas...

Através de um estudo aprofundadíssimo, desde a origem da moralidade até ao destino da religião

como um todo, Ridley dá-nos a conhecer um ponto de vista que se calhar nunca nos tinha passado pela cabeça: a crença de que tudo no mundo, se deixado nas mãos do povo e dos indivíduos da sociedade, evolui. Correndo o risco de ser chamado de neocomunista, o escritor critica a posição do governo na nossa vida, pura e simplesmente porque desde a sua criação que o Estado é gerido de forma a controlar tudo e mais alguma coisa, desde quem me-

rece ou não cuidados médicos (como acontece frequentemente com os não-sei-quem-Care's do governo americano), até à compulsividade de contar todos os grãos de arroz e trigo de forma a redistribuí-los de igual forma por toda a população (segundo o regime totalitariamente comunista da Coreia do Norte, por exemplo).

Seguindo até alguns argumentos mais extremistas do neodarwinismo, Ridley assume que toda a fauna bem como toda a flora são meros acasos de mutações evolucionárias embutidas no nosso DNA e afirma que todo o ser vivo é a consequência da tentativa de perpetuidade do nosso gene; por outras palavras, só somos assim porque a evolução por seleção natural escolheu meticulosamente quais os genes aptos para sobreviver e quais as mutações que nos ajudavam nesse processo.

The evolution of everything é sem dúvida um *must-read* que nos dá um vislumbre do que seria um mundo inalterado pelos controladores políticos e como seria o mundo se o deixássemos naturalmente na sua incremental, inexorável e inevitável evolução.

Diogo Mendonça, 11º3ª

“Guerra dos Tronos” e As Crônicas de Gelo e Fogo



As *Crônicas de Gelo e Fogo* é uma série de livros escrita por George R. R. Martin que começou a ser publicada nos anos 90. Atualmente, esta série já tem cinco livros e foi adaptada para uma série televisiva, *Game of Thrones*, no canal HBO.

A história passa-se numa época medieval, num mundo fantástico, onde existem diferentes famílias a querer chegar ao poder. Muitos críticos e escritores comparam esta obra aos livros de Tolkien, sendo que alguns mesmo afirmam que são melhores e mais realistas.

Uma das características que faz desta obra tão boa é o desenvolvimento das personagens, pois o autor apresenta-nos personagens que nem são do bem nem do mal, nem são protagonistas ou secundárias. Ou seja, todas têm um papel essencial na narrativa.

Outra característica dos livros que difere das outras obras é a capacidade do autor nos surpreender, pois de um momento para o outro, personagens que nós pensamos que são protagonistas, morrem.

Por último, e excelente, para mim, é a forma como o autor consegue abordar diferentes temas atuais situados numa época medieval tais como: a homossexualidade, as intrigas políticas, o incesto, a honra e o dever, entre outros.

Por fim, recomendo a todos lerem estes livros, pois além de serem uma das melhores obras de fantasia de sempre, também é uma obra que nos obriga a pensar e a criar as nossas próprias teorias.

Miguel Nunes Isidoro, 11º 3ª

Ultimamente tem havido uma grande excitação em torno da série televisiva “Guerra dos Tronos”. Com tanto alarido, conversa e publicidade, fui contagiada pela onda de curiosidade e decidi experimentar. Comecei por ver a série televisiva, com algum ceticismo, confesso. No entanto, qual não foi o

meu espanto ao perceber que a minha previsão de uma série novelesca feita para manter a audiência viciada com enredos iguais aos de sempre, era completamente errada! Com um enredo brilhante e atores extremamente talentosos, aquela só podia gerar todas as reações por parte dos media com que me confrontei nestes últimos meses.

A história passa-se num mundo fictício medievalesco e, após alguma investigação, descobri que muitos dos acontecimentos retratados na série se baseiam em acontecimentos verídicos da corte inglesa na Idade Média, o que explica a sensação de mergulharmos num manual de história. Todas as intrigas, conspirações, traições, batalhas e escândalos amorosos dão-nos uma sensação de familiaridade, expondo a cruel natureza humana quando guiada pela ganância ou inveja.

Para além do enredo (baseado na saga de George R.R. Martin, que também comecei a ler em inglês), somos presenteados com uma realização incrível, com cenas filmadas desde paisagens geladas norueguesas a desertos escaldantes, e outras tantas filmadas em Malta, na Croácia, etc. Um dos melhores exemplos da qualidade de filmagem é uma cena de dez minutos de uma batalha que já foi descrita várias vezes como uma das melhores cenas retratantes de uma batalha medieval já alguma vez realizada. Outro aspeto que acho importante realçar é a maneira como a série quebra sem escrúpulos todas as “regras” definidas ao longo dos anos em relação a séries televisivas, dando asas à imprevisibilidade característica do autor nos livros. Não é aconselhável afeiçoarmos-nos a nenhuma personagem em particular, já que esta série é conhecida por ser incrivelmente sangrenta e não poupar nem a personagem principal.

Concluindo, recomendo que todos cedam à mesma curiosidade que me impulsionou a ler o livro e a experimentar a série.

Ema Sá, 11ª 4ª

Ana Cruz, estudante do 12º ano da nossa escola (ESRDL), venceu a IV edição do concurso da responsabilidade da APEEP (Associação Portuguesa de Ética e Filosofia Prática), que coloca aos alunos as grandes questões da humanidade com interesse atual e para todos. Este ano o tema foi: “Estamos nas redes sociais porque estamos sós ou estamos sós porque estamos nas redes sociais?”.

Nesta entrevista são esclarecidos os detalhes deste ensaio, que os curiosos podem ler na biblioteca da nossa escola.

O que te incentivou a participar no concurso?

Entre outros, destaco o desafio de trabalhar um tema que me permitia, não só desenvolver conceitos associados a problemas atuais e suscetíveis de diferentes abordagens, mas também refletir sobre as contingências do tempo em que vivemos.

A área da filosofia associada a problemas atuais sempre foi do teu interesse? Costumas ler ensaios e/ou artigos de divulgação filosófica?

Comecei a interessar-me por esta área da Filosofia através dos conteúdos estudados na disciplina; porém, realço o facto de ter sido a disciplina de Português que mais valorizou a pesquisa de temas que me incentivaram a adquirir uma visão transdisciplinar.

Leio ensaios e/ou artigos de divulgação filosófica ao realizar trabalhos de qualquer matéria, mas não habitualmente; utilizei-os na elaboração deste Ensaio, para poder englobar todas as áreas que poderiam interessar ao tema.

Afirmas que “do ponto de vista de um jovem, as redes sociais oferecem mais vantagens do que desvantagens”. Partilhas da mesma opinião que esses jovens? A tua ideia mudou com a realização do trabalho?

Partilho a opinião de que as vantagens das redes sociais superam as desvantagens destas plataformas. Na verdade, a realização do trabalho conduziu-me à confirmação desta ideia, que justifico destacando a vantagem de as redes sociais “abrirem horizontes” e evitarem que façamos a definição e a redução do ser humano a uma estrutura formal.

Como pensas que a obsessiva necessidade de aprovação, enfatizada nas redes sociais, afeta a maneira de ser, estar e pensar dos jovens?

Como referi, as redes sociais virtuais oferecem várias vantagens. Contudo, também colocam problemas prementes relativamente à maneira de ser e de estar dos jovens, como, por exemplo, os conflitos que derivam do binómio público/privado, real/virtual ou solidão/comunhão. Em relação à sua forma de pensar, julgo que se impõem questões como, por exemplo, a da possível (in)definição da identidade pessoal.

Esse sentimento de solidão focado no trabalho, consideras ser comum nos jovens em geral, sem ser por utilização das redes sociais?

Julgo que não se deve generalizar a ideia de que os jovens passam por situações de solidão, ou até de extre-



ma solidão, visto que a imagem estereotipada do adolescente que é levado compulsiva e inconscientemente a isolar-se não traduz uma tendência geral.

Referes no teu ensaio o conceito de aldeia global, isto é, o nosso mundo globalizado pela internet. Muitos autores (como Fernando Pessoa) aspiravam alcançar esse conceito. Que vantagens consideras ter no que toca à cultura?

Em 1962, McLuhan defendeu que, a partir do desenvolvimento dos novos meios de comunicação, o mundo se interligaria completamente, aproximando-se, assim, da situação de uma grande aldeia inteiramente conectada. Passados mais de cinquenta anos, cada *hashtag* criado é transformado num hiperlink e funciona como uma palavra-chave, através da qual podemos adicionar conteúdos ao grupo de pesquisa de um determinado tópico.

Quer isto dizer que, no que diz respeito ao conceito de cultura, o atual mundo globalizado oferece a vantagem de fomentar a criação de um pensamento crítico sobre os novos processos de comunicação e de tratamento de informação, processos esses que afetam, quer os serviços, quer o conhecimento.

Na tua opinião, porque são as redes sociais virtuais “redes mais flexíveis”?

De acordo com o que defendo no Ensaio, é para a reestruturação do cenário social da vida humana que devemos trabalhar, reflectindo sobre as implicações de uma rede social mais flexível. Na atualidade, esta flexibilidade tem como maior paradigma o sistema de comunicação das redes sociais virtuais, que apresenta todas e ainda muitas mais das qualidades inerentes a uma rede com possibilidades instantâneas de conexão e desconexão. Ou seja, as redes sociais virtuais são mais flexíveis, porque são as redes que melhor se adaptam às solicitações de conteúdos permanentemente atualizados e à descentralização de funções.

Para quem ainda não teve a oportunidade de ler o teu ensaio quais as ideias principais que apresentarias como convite à sua leitura?

A consideração de uma dupla negativa que revela o falso dilema da questão “Ficamos sós porque usamos as redes sociais ou usamos as redes sociais porque ficamos sós?”;

(Continua na página 15)

(Continuação da página 14)

A denúncia da ilusão de que a vastidão da nossa lista de amigos nas redes sociais traduz uma valorização pessoal a conquistar sem reservas, quando, de facto, ela é desenvolvida num universo virtual especialista em aumentar e distorcer a realidade que nos rodeia;

O reconhecimento de que as redes sociais são, apesar das suas inconsequências e limitações, um espaço de partilha e não de solidão.

Matilde Amorim Camacho, 12º1

Ana Cruz, 12º4



Excerto do discurso

Desde o início do trabalho, admiti que seria necessário refletir sobre as implicações éticas e filosóficas das redes sociais virtuais. Este é um tema extremamente importante, visto que, hoje, as redes sociais estão ao alcance da generalidade das pessoas. E, por essa razão, são ferramentas omnipresentes e que se tornaram indispensáveis na dimensão social do mundo moderno. Ao longo do trabalho, percebi que deveria dedicar-me à questão do falso dilema que o tema proposto encerra, pelo que atribuí ao Ensaio o título “Um falso dilema”. Optei por organizar o texto em duas partes. Na primeira parte, apresento uma visão integrada dos dois conceitos-chave do tema – “redes sociais”, por um lado, e “solidão”, por outro. Esta primeira parte serve de base à fundamentação da dupla negativa que revela o falso dilema da questão “Ficamos sós porque usamos as redes sociais ou usamos as redes sociais porque ficamos sós?”.

Na perspetiva da argumentação informal, que foi estudada nas aulas de filosofia, o tema do concurso denuncia dois tipos de falácias: um falso dilema, na disjunção, e um caso de falsa causa, em cada um dos disjuntos (das condicionais).

Trata-se de um falso dilema, porque estamos a ignorar alternativas perfeitamente passíveis de ser consideradas: podemos ficar sós por várias razões, tal como podemos usar as redes sociais por várias razões. Como defendo no Ensaio, a não ser que sejamos capazes de apontar a razão que leva uma situação a provocar a outra, numa forte correlação estatística, devemos evitar tirar ilações que apenas reflitam a nossa resistência estereotipada à mudança e o nosso desconforto face a novas formas de viver, de criar e de comunicar.

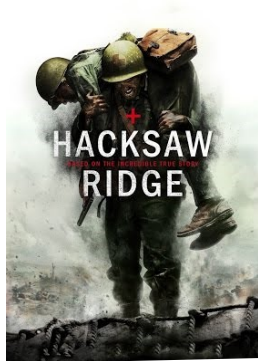
O outro erro argumentativo implícito no dilema é a falácia da falsa causa, dado que podemos sentir-nos sós e usar as redes sociais, mas isso não significa que uma situação ocorra porque a outra ocorre. Ou seja, pode não existir uma relação de causalidade entre ambas, mas uma mera relação de casualidade. De facto, é fácil encontrar cibernautas que utilizem as redes sociais sem se isolarem ou privarem da interação social real.

Uma crítica que é frequentemente apontada ao efeito das redes sociais no lado humano das relações prende-se com o silêncio que domina grupos de pessoas agarradas aos seus telefones e, aparentemente, tão sozinhas e desconectadas dos que os rodeia fisicamente.

No entanto, nem o conceito de silêncio, nem tão pouco o de solidão, se aplicam a um mundo que apela a todo o instante a ser ouvido e partilhado. Um mundo que formata a nossa linguagem e determina a conceção que fazemos da realidade. De facto, há algo de libertador em participar numa rede social: pertencer a uma comunidade virtual com a qual trocamos confidências. Apesar de não sabermos bem onde fica, acreditamos e esforçamo-nos por acreditar que se trata de um lugar distante e que, por isso, nos permite falar aberta e honestamente. No fundo, são os recursos de que o Homem dispõe para usar a sua liberdade de expressão, ainda que de uma forma editada e carregada de frases política e socialmente corretas.

Nesta perspetiva, forçar as redes sociais a ser a causa ou o efeito da solidão parece ser uma hipótese a rejeitar, que poderá ser vista como uma especulação precipitada e que, para além disso, não traduz uma tendência generalizada. Assim, perante este problema, e de acordo com as considerações finais do Ensaio, resta concluir que é para a reestruturação do cenário social da vida humana que devemos trabalhar. Neste sentido, devemos refletir sobre as implicações éticas e filosóficas de uma rede social mais flexível, que parece ter vindo a surgir sob a forma das redes sociais.

Ana Cruz, 3 de junho de 2017

“Hacksaw Ridge”

“Hacksaw Ridge” é um filme ao qual em língua e m correntemente chamaríamos um filme forte. “Hacksaw Ridge” retrata a vida de um grande herói da 2ª Guerra

Mundial que, sendo um soldado normal, visto que se recusava a pegar numa arma e tirar uma vida, salvou dezenas de soldados durante o ataque a Hacksaw, que, na altura, se encontrava sob o domínio dos japoneses.

O que mais me prendeu a este filme foi o seu realismo e a forma como alguém, muito embora todos os obstáculos que encontra, consegue agarrar-se às suas crenças com tanta alma e dedicação.

Ao nível mais técnico acredito que, apesar de não ser uma especialista, estava muito bem executado dando a todo o cenário muito realismo.

Desmond Doss, interpretado por Andrew Garfield, foi um médico do exército americano e tornou-se a primeira e única objecção de consciência a receber a medalha de honra da guerra. Desmond morreu a 23 de março de 2006 com 87 anos.

Este filme é maravilhoso sendo ao mesmo tempo horroroso, visto que retrata as estupendas ações de um soldado no meio de um mar de morte.

Carolina Aleixo, 11º3ª

Festival Iminente

No fim de semana de 15 a 17 de setembro, realizou-se em Oeiras a segunda edição do Festival Iminente. Um festival que, para além de combinar vários estilos musicais desde rock a hip-hop, traz os melhores artistas nacionais de cada género.

Não foi o frio que parou o bom ambiente provocado pelos 5000 visitantes. Para além de concertos excelentes, como o de Slow J que pôs toda a gente a dançar e Orelha Negra

que encerrou o festival, o espaço contava com obras de arte urbana de diversos artistas, como por exemplo Vhills, que transformaram o Parque Municipal de Oeiras numa autêntica floresta mágica com a melhor banda sonora.

Um festival a não perder, quer pela excelente organização, apenas possível devido ao reduzido número de bilhetes, quer pela melhor relação qualidade-preço. Na terceira edição, o melhor é não ficar em casa.

Mafalda Couto, 11º 3ª

No recinto, observamos a alegria desta geração e os seus olhos a brilhar durante as atuações vibrantes dos artistas no palco principal que, envolvido pelas árvores, nos deu a sensação de estarmos no meio da floresta, longe da cidade.

A falta de lugares com comida, o que é essencial para jovens sempre com fome, foi compensada pela existência de uma estufa com um caminho iluminado com luzes brancas, ao som do movimento da água que nos alimentou a alma.

O facto de ser um festival pequeno e que poucos conhecem, levou-nos a estar mais perto dos artistas e a poder aproveitar os concertos à vontade sem termos a preocupação de aleijarmos alguém como nos grandes festivais.

Aconselho-o a todos, até porque é uma boa experiência a um preço acessível.

Joana Silva 11º3ª

Álbum “Casa ocupada” do grupo musical português Linda Martini.



41 minutos e 33 segundos de puro rock português. Será preciso mais alguma coisa?

Constituído por dez músicas, dois deles instrumentais, este trabalho dos alfacinhas Linda Martini, é apenas uma amostra de que ninguém

poderá parar este quarteto. Deste novo álbum destacam-se os temas: “Mulher-a-dias”, “Juventude Sónica”, “Belarmino” e “Cem metros Sereia”. Qualquer pessoa pode observar, mesmo ouvindo apenas estes temas, que a banda aposta mais e bem na qualidade instrumental do que em termos líricos, passando, mesmo assim, algumas mensagens importantes para os ouvintes.

O álbum foi lançado em 2010 como o segundo “full-length” da banda.

A sua qualidade sonora é bastante boa e, com a ajuda, no que respeita ao som, de nomes emblemáticos neste ramo como Makoto Yagyu, Nelson Carvalho e Andy Vandette, era difícil não o ser.

Logo no primeiro tema deste disco, “Mulher-a-dias”, podemos notar muita estabilidade a um ritmo acelerado, o que faz, logo à partida, valer a pena a compra do álbum. Esta estabilidade vai-se afirmando nos temas seguintes onde as letras se viram para o som “nonsense” e abstrato que acompanha os instrumentos, tocados agressivamente de uma forma melódica e gritante, provocando arrepios ao ouvinte.

É praticamente impossível ter algo a apontar negativamente em relação a este álbum pois nele todas as músicas assumem grande coerência instrumental. Os instrumentos utilizados apresentam um som de excelente qualidade, nomeadamente a tarola de Hélio Morais. Existe também uma forte ligação entre todas as faixas. As letras apresentam várias temáticas, todas elas bastante atuais: melancolia, vida amorosa e problemas sociais. Por fim, a voz de André Henriques que é sempre tão perfeitamente imperfeita.

O único “senão”, apenas um: as líricas serem um pouco minimalistas.

Esta obra-prima demonstra que o Rock e a música Portuguesa estão a ser bem defendidos e representados no nosso panorama musical. O tempo destes rapazes não é *passado a ferro*.

Um sólido 9,5 em 10.

Francisco Saramago, 10º1ª

Natal

No Natal, há magia no ar...
É tempo de dar e receber,
Nas ruas, ouve-se cantar
E, em casa, o bacalhau temos de comer.

Vamos erguer a árvore de Natal
E o presépio montar!
Dentro ou fora de casa,
Vamos todos celebrar!

Vem aí o Pai Natal,
No seu trenó a voar,
Com as suas oito renas
E o Rodolfo a comandar.



Na lareira, penduramos
A meia de Natal,
No dia seguinte, encontramos
Um presente original!

Dizem que no Natal
É para com a família conviver,
Mas o que queremos mesmo
É presentes receber.

Sofia Nunes, 8ºE



Sonho acordada
Espero o nada
Que governa minh' alma.

Sigo em frente
Mas tropeço
Suspiro levemente
Dor no coração...

Sou repleta de paixão
Que me emoldura a mente
Voo livremente
Como águia da razão.

Não sou o que sou
Sou apenas o que desejo
E no espelho me vejo
O que não sou afinal?!

M.F.C.



Poema de Natal

Às vezes o amor
Está mesmo ao nosso lado
O Natal é isso mesmo
Saber que és desejado

Quando chega o dia
É só emoção
Mas aparece aquela tia
Que má situação

Já na hora da ceia
Vamos todos papar
Saímos de barriga cheia
Com a loiça para lavar

Se tens muita vergonha
De dizeres o que sentes
O Natal é a altura
De tratar assuntos pendentes

No hora dos presentes
Vêm sempre as pobres meias
Compradas na promoção
E, ainda por cima, são feias

Quando vem o inverno
Vestem todos o casaquinho
Mas, este ano, há sol eterno
Ainda se come um geladinho

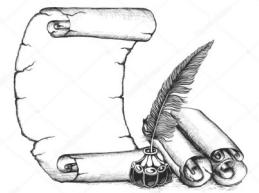
Beatriz Gomes, 8ºC

Divagam felizes
Por linhas desconhecidas
Que nunca escrevi
As lamentações tristes
De versos construídas
Que nunca entendi.

As cartas de um passado
Que é o meu
Voam pela tênue memória
D'um sorriso devassado
Que é o teu
Impetuoso na sua glória.

Dos tempos que nunca foram
Guardo as recordações
Que não houve
Mas que sonham
Com meus corações
Que jamais usei...
4.11.2017

M.F.C.



O rosto, como manifestação da personalidade do indivíduo, é um dos temas da arte de todos os tempos. Aos alunos de Desenho A, do 12º ano, foi feita a proposta de se autorretratarem de frente e de trás em suportes pretos e brancos. Estes são alguns exemplos retirados da exposição que esteve patente no Átrio das Artes durante o mês de novembro.



Os alunos aqui autorretratados são: Ana Catarina, Ana Cordeiro, Ana Machado, Catarina Almeida, Elizabete Nkosi, Heverton Ido; Leonor Meirelles, Mariana Almeida, Mariana Santos, Marta Pereira, Pedro Pereira, Rita Lopes e Vanessa Lopes. Aproveito para convidar todos a visitarem as exposições mensais neste espaço, no 2º piso junto às salas de Artes.

Paula Lima



O Homem que Perdeu o Sorriso

Em tempos, existiu um senhor, um homem como tantos outros. Esse senhor era admirado pelos amigos, amado pela família, invejado no trabalho.

Mas, um dia, o homem perdeu o seu sorriso.

Ficou preocupadíssimo, pois era com o seu sorriso que vivia os dias mais alegres.

A admiração dos amigos, o amor da família, a inveja (saudável?) dos seus colegas de trabalho, nada era suficiente para o sorriso dignar-se a aparecer.

“Isto não pode continuar assim!”, pensou o homem, e decidiu ir à procura do seu sorriso.

Pensou em todos os lugares onde o sorriso poderia estar.

“Não pode estar cá fora, tudo o que me rodeia não o faz aparecer! E se estiver, então, dentro de mim?”

Sendo o único sítio onde não tinha ido à procura, o senhor entrou dentro de si mesmo.

Descobriu que, para chegar ao Núcleo da Felicidade, teria de passar pela Floresta das Inseguranças e pelo Abismo da Culpa.

“O sorriso vale o esforço...”, pensou, e entrou na Floresta.

O vento era cortante e parecia sussurrar todo o tipo de frases que fariam a pessoa mais corajosa questionar a sua própria bravura, sombras rodeavam o corpo do senhor, tentando travar o próximo passo agarrando-se aos tornozelos e silenciando a determinação ao mesmo tempo que a respiração, segurando o pescoço com força.

Sentindo-se preso e cansado, o homem sentiu-se tentado a olhar para trás.

No entanto, lembrou-se do quanto já se tinha esforçado para achar o sorriso.

Ignorou o vento sibilante e livrou-se das sombras.

Avistou o início do Abismo da Culpa, onde se apressou a avançar para não se desanimar.

Ao início, até parecia um arvoredo calmo e algo tranquilizante.

No entanto, assim que parou um pouco para se restabelecer da corrida, sentiu algo pesado nas suas costas.

Tentou olhar para trás, mas o peso foi aumentando e teve de se esforçar para não cair no chão e nunca mais se levantar.

Com o peso cada vez mais insuportável, sentiu o chão ruir.

Das fendas, vozes diversas, umas que sussurravam e outras que gritavam, enumeravam todas as ações de que o homem se envergonhava, quase como uma lista de crimes antes de se anunciar a sentença final.

Desgastado e envergonhado, pensou como seria cair do abismo que se abria mesmo debaixo dos seus pés.

Lentamente, parecia cada vez mais convidativo cair, como se as vozes do abismo fossem sereias e ele o marinho enfeitado.

Porém, um pequeno feixe de luz passou-lhe rente à vista e fez com que olhasse para a frente.

“Tenho de continuar”, pensou, “ou nunca encontrarei o meu sorriso”.

Ergueu os braços com toda a força que conseguiu reunir no seu corpo esgotado e livrou-se do peso, que agora perfurava o chão.

Rapidamente, o homem afastou-se da fenda que, poucos segundos depois, se abriu e deu lugar ao abismo.

Depois de sair a correr do local, fez uma pequena pausa para respirar calmamente e olhou para a frente.

De uma cor dourada, com raios de luz a torná-lo ainda mais brilhante, descobriu o Núcleo da Felicidade.

Estupefacto, tocou na superfície esférica gigante. Reagindo ao toque, esta abriu-se e revelou um espelho com enfeites dourados.

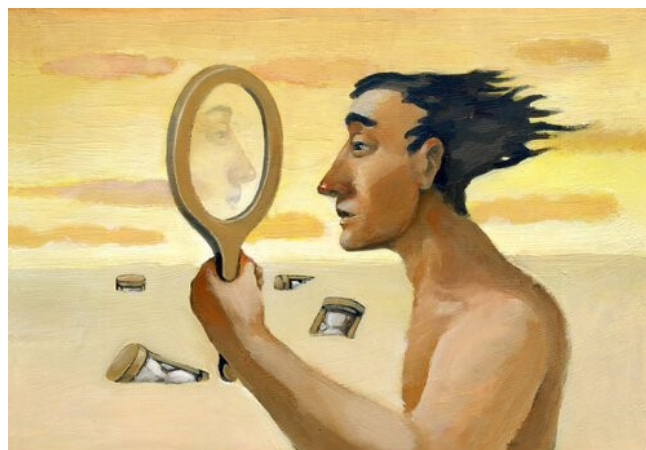
Ao início, o homem não percebeu.

Refletiu sobre o assunto (olhando para o seu reflexo no espelho), até que finalmente entendeu.

O sorriso sempre estivera consigo, apenas não tinha percebido que, para este ser sincero, precisava de vir da própria pessoa.

Ao olhar mais uma vez para o seu reflexo, sorriu como há muito não o fazia.

Pela superfície refletora do espelho, viu que a Floresta das Inseguranças e o Abismo da Culpa se modificavam, dando lugar ao interior que todos (até ele próprio) conheciam.



Daniela Flamino, 10º 1ª

O Chá

Quando Lucas viu que o tempo não ia ficar mais quente, chamou a empregada e pediu um belo bule de chá verde. Ela revirou os olhos. Lucas não gostava de pedir chás porque sabia que a empregada odiava esperar que a água fervesse. Todavia, as suas sensibilidades nunca o tinham impedido, porque parecia-lhe que o chá fervido com ódio tinha mais sabor.

Como estava à espera de alguém, pediu uma chávena a mais. Se faz favor.

Elisa chegou a tempo de impedir a empregada de a servir.

– Antes era um café, por favor.

Sentou-se e abotoou o casaco, e apercebeu-se imediatamente de que aquela não era uma boa manhã, e que havia uma espécie de conflito de interesses entre ela e Lucas em termos de bebidas. E em termos de temperatura.

– Porque é que te sentaste cá fora?

– Lá dentro fica-se claustrofóbico. – Lucas também reconheceu o latente conflito de interesses, mas o chá estava-lhe a saber demasiado bem para se preocupar com isso. Acendeu um cigarro num processo demorado, porque o isqueiro não estava a querer funcionar. Quanto mais tempo se passava, mais rapidamente Elisa batia com as unhas no tampo da mesa, e mais Lucas se distraía, e mais difícil se tornava manter a chama acesa. Quando conseguiu, ficou muito feliz consigo próprio. Quando ele ficava feliz consigo próprio, tendia a falar demasiado. Voltou-se para Elisa. – Não devias beber tanto café. Faz imenso mal se beberes todos os dias. Acelera-te o coração, ou uma coisa assim do género. E escurece os dentes.

– ...

A empregada trouxe o café. Àquela hora, os carros começavam a passar. Como a esplanada estava plantada muito perto da estrada, cada carro arrastava um pouco o fumo do cigarro e o vapor que se desprendia do bule, deixando o ar entre eles limpo e frio. Elisa expirou e também esse vapor se afastou. Decidiu fazer uma observação.

– Estás bastante contente, hoje.

– Acho que não tenho razões para não estar.

– Nunca tens.

– Dizes isso como se fosse uma coisa má.

Na verdade, Elisa até achava que isso era uma coisa má, pelo menos por vezes. Porque Lucas estava sempre contente, independentemente do que se passava à sua volta. Alguém podia começar a disparar indiscriminadamente pela avenida fora, e Lucas continuaria a sorrir e a beber o seu chazinho, a fumar o seu cigarro e a cumprimentar as pessoas que passavam. Para sorte dele, ninguém disparava contra ninguém, e toda a gente seguia a sua vida debaixo da camada grossa de nuvens que se formara essa manhã e que não deixava Elisa respirar desde que pusera os pés fora de casa. Como é que alguém podia estar cheio de boa disposição nesse dia, era algo que a ultrapassava.

– Não acho que seja uma coisa má. É bom. Satisfazeres-te com as coisas.

Lucas não percebeu muito bem o que ela quisera dizer com aquilo, mas pareceu-lhe vagamente ofensivo. Talvez

não fosse ofensivo, mas incomodou-o. Agitou-se na cadeira para olhar para Elisa de frente.

– Como assim, “satisfazer”?

– Sabes o que quero dizer... Tipo, estás aqui, e está frio, e podias perfeitamente ir lá para dentro e estar quente, mas ficas aqui.

– Ah, estou a perceber.

– Era só isso que queria dizer, juro.

– Sim, sim. Passa-me só o cinzeiro aí da outra mesa.

– Por amor de Deus, Lucas, não tens de ficar assim.

Lucas percebeu que o dia não ia correr bem assim que viu que a empregada do café tinha esborratado a sombra dos olhos. Os maus dias nunca o eram só para uma pessoa. E ele não ia deixar que Elisa deixasse que um mau dia se tornasse num péssimo.

– Tu nunca te satisfazes com as coisas, não é, Elisa? Tentas sempre tornar cada coisa numa versão melhor dela mesma. És uma pessoa com grandes ambições.

– Não vás por aí.

– Mas todos os dias estás aqui comigo, alguém que não tem mais ambições na vida para além de acabar de beber este chá.

– ...

– Vai, Elisa. Vai fazer algo de diferente da vida. O que é que te impede? Porque é que estás aqui?

– Tenho aulas daqui a meia hora, Lucas.

– Podias ter aulas noutro sítio. Num sítio melhor. E falar todos os dias com outra pessoa, numa esplanada bonitinha e com guarda-sóis nas mesas. Mas não estás a fazer nada disso. Por isso deixa-te dessas coisas e bebe o teu café. Já deve ter morrido.

Elisa pediu-lhe desculpa, mas Lucas não precisava de desculpas. Fez um gesto de displicência com a mão e, ao lembrar-se de qualquer coisa que tinha para contar, o assunto da conversa desviou-se.

A rua ia-se enchendo com mais gente, mas o céu não dava sinais de abrir. Elisa pediu outro café e, quando se lembrou do cinzeiro que Lucas pedira, esticou-se e tirou um de outra mesa. Não interessava haver ou não cinzeiro, porque o isqueiro deixara de vez de funcionar.

Leonor Veloso, 12º



Carta do Cavaleiro da Dinamarca à Sua Mulher

Palestina, 3 de fevereiro de 1449

Minha amada Beatriz,

Sei que já passou muito tempo desde o dia em que parti. Por isso, escrevo-te esta carta, para te dizer que já iniciei o meu regresso. Ontem, na noite de Natal, estive na gruta de Belém, onde Cristo nasceu. Rezei neste local e consegui ouvir o cântico dos anjos e ver a luz que os trazia. Juro, por tudo, que me pareceu ter sido real!

Não vais acreditar! Visitei os lugares mais inacreditáveis por onde Jesus andou; percorri as ruas de Jerusalém; estive no Jardim das Oliveiras; molhei os pés no Rio Jordão. Senti-me um habitante daquele tempo.

Um aviso minha linda amada. Provavelmente, chegarei a casa quase em cima do próximo Natal, como vos prometi. Tenho tantas saudades vossas... mas isso não é o mais importante.

Minha amada, lembra-te, por favor, de dizer aos nossos filhos e aos criados que já estou de volta desta minha peregrinação e que me vou apressar para estar convosco na maior festa do ano. Levarei muitas histórias das pessoas com quem estive e contarei outras que me foram contadas.

Vou partir para Jafa no final do mês, pois as águas têm estado muito fortes. Talvez visite Veneza e Florença, no caminho. Espero que os barcos, em que seguirei viagem, não naufraguem e aguentem as tempestades para vos poder abraçar.

Bom Natal!

Do teu amado,
O Cavaleiro da Dinamarca

PS - Amo-te Beatriz! Espero voltar a ver-te antes que a luz que me guia se apague.

Rodrigo de Sousa Gorgulho, 7º 4ª

Palestina, 25 de dezembro de 1468

Minha amada,

Saudades! Saudades é o que eu mais tenho de ti, dos rapazes e dos nossos criados.

Tal como a viagem foi bastante tranquila até aqui à Palestina, espero que o regresso até à Dinamarca também corra assim! Cheguei muito antes do Natal e aproveitei a oportunidade para caminhar com outros peregrinos até Jerusalém. Já visitei muitos lugares fantásticos, lugares por onde Jesus Cristo andou. Visitei o Monte do Calvário, o Jardim das Oliveiras, as pitorescas ruas de Jerusalém e os Montes da Judeia.

Ontem, noite de Natal, rezei na gruta de Belém. Rezei pelos nossos filhos, por ti e por mim. Rezei pela saúde de toda a nossa família. Hoje, interrompo as minhas orações para te escrever e contar como estou muito emocionado. Parece um sonho ainda o que estou a viver. Agora, só quero ter a certeza que não te preocupas comigo e que a nossa família está a viver o verdadeiro espírito do Natal. Eu estou bem e conto estar convosco na próxima grande festa do ano. Quero contar-vos as experiências que vivi e falar-vos das histórias que ouvi.

Rezem por mim! Ah, as saudades voltaram a apertar...

Um abraço do teu amado marido,
O Cavaleiro da Dinamarca

PS: Por favor, deseja a todos um Bom Natal, da minha parte! Até daqui a um ano, se Deus quiser!

Mariana Esteves, 7º5ª

25 de dezembro de 1480

Minha amada Rosa,

Estou a escrever-te, pois há muito que não comunicamos.

Começo por te informar que esta viagem está a correr muito bem. Tem sido uma peregrinação muito gratificante, tanto a nível emocional como espiritual.

Na noite passada, noite de Natal, fui rezar à gruta de Belém, que, como sabes, é o local onde Jesus nasceu. Não existem palavras ou expressões para descrever esta imagem que está perante mim neste momento e eu juro, juro pela minha saúde, que, quando bateram as doze badaladas da meia noite na torre das igrejas, ouvi, num cântico altíssimo, a oração dos anjos.

Prevejo passar aqui na Palestina mais dois meses a contemplar este belíssimo país, antes de continuar esta jornada.

De qualquer modo, rezo para que esteja tudo bem por aí, tal como está por aqui. No próximo ano, aí estarei a passar esta maravilhosa época contigo e as crianças.

Bom Natal!

Um beijo meu para todos,
Cavaleiro da Dinamarca

Leonor Lidónio, 7º4ª

Direitos Humanos

Vivemos numa época privilegiada quer tomemos conta disso ou não, época essa caracterizada pelo respeito mútuo por parte da generalidade da raça humana, bem como o bom preservar da nossa dignidade.

Até à queda do Muro de Berlim a humanidade passou por vários contratempos em termos de aceitação das diferenças entre religiões ou “raças” diferentes e, por isso mesmo, desde a data da sua fundação, que a ONU quis fazer desvanecer estas diferenças e muitas outras mais e, por isso, foi escrita a Carta dos Direitos Humanos. No entanto, nada é perfeito e, ainda hoje, com tamanha homogeneidade da sociedade, encontramos regularmente países incumpridores do direito à liberdade de expressão, ou do direito à vida, só

para nomear alguns. Tal como muitos pacifistas e ativistas em prol dos Direitos Humanos no passado, como Einstein, a grande maioria dos filósofos pensadores, ou até Padre António Vieira, esta organização visa acabar com as diferenças presentes na sociedade.

A dignidade do ser humano é outro dos temas a abordar, intimamente ligado ao anterior. Hoje em dia, vemos homens machistas a governar os Estados Unidos e a promover as diferenças dentro do próprio país da mesma maneira que vemos mulheres na Arábia Saudita cobertas por burkas. Alguém é considerado igual, sendo obrigado a esconder a cara? Acho que todos concordamos na resposta.

Resumindo e concluindo, nos dias de hoje, se queremos viver num

mundo sem diferenças sociais entre homens e mulheres, negros e brancos, ricos ou pobres, temos que ser os primeiros a pensar diferente e a agir, pois ainda estamos a um longo caminho da igualdade de direitos dos seres humanos.

Diogo Mendonça, 11^o3^a



Retratos

Maria, uma jovem portuguesa, cabelo mais loiro que escuro, cara bem assente, meio alta, meio baixa, é uma rapariga normal, com um nariz arredondado, como se diz “abatatado”. Vê a vida de uma forma diferente, que julga à sua frente, mas sempre sorridente.

A correr de um lado para o outro sempre a pensar nos porquês,

Maria, uma pessoa amiga, talvez.

À sua maneira,

Maria é feliz

e para que todos saibam, é também Beatriz.

Rapariga criativa,

que adora sonhar,

Maria, uma menina,

que gosta de ajudar.

Tem uma ótima família,

mais imaginação,

é rapariga de bom coração.

Maria Beatriz, 7^o2^a



João Gamito, primogénito de seus pais, nascido em 2005 e lisboeta de coração.

Tem doze anos, mas tem alma de criança.

Magro como um espeto, olheiras tais buracos negros.

Casmurro como um touro, mas ternurento como um recém-nascido.

O sítio preferido é a casa dos seus avós embora já não lá estejam; essa casa perdurará sempre na sua memória.

Pessoa razoável, mas às vezes tem pouca paciência.

Bom amigo para os que o merecem, mas vingativo para aqueles com quem tem desavenças.

Pequeno colecionador de legos e livros.

Amante de animais e de projetos de conservação da natureza.

Envergonhado e conservador em relação a amizades e objetos.

Ao contrário de alguns prefere um livro a uma aplicação e um passeio na natureza a ficar em casa.

Gosta de ler um livro sossegado na cama ou a ver um dos seus programas na televisão.

Estranhamente, também tem um amor pouco natural a fatos.

Pode-se dizer que é uma pessoa fechada e um pouco infantil, mas se calhar só o torna mais intrigante.

Feito e pensado pelo próprio Gamito.

João Gamito, 7^o2^a

Mesquinhos

Não gosto de pessoas mesquinhas.

Há situações que poderiam ser evitadas, como, por exemplo, falar mal de alguém “nas costas” ou ofender a maneira de ser ou de vestir de alguém. Não é necessário magoarmos uma pessoa apenas por não concordarmos com a mesma, ou por não gostarmos das mesmas coisas. Somos todos diferentes!

Há também quem seja muito mais desagradável juntando a inconveniência à mesquinhaz. Essas pessoas

fazem, por exemplo, comentários, em alturas e momentos sensíveis, pouco agradáveis e, também, falam acerca de uma determinada pessoa na sua presença, mas sem se dirigirem diretamente a ela.

Pessoalmente, acho que o mundo seria muito aborrecido se todos fôssemos iguais.

Não é correto falarmos mal de outra pessoa se nós próprios somos imperfeitos e cometemos erros. Para além disso, muitas das nossas características podem também desagradar

a outras pessoas.

Eu própria não sou perfeita e erro como os outros. Todos erramos. E quando erramos devemos tentar aperceber-nos do erro e remediá-lo.

Apelo a todas as “bocas de trapo” para que comprem um filtrozinho amigável para colocar na sua humilde boca e que tomem cuidado com as gentis palavras que expõem pela mesma.

Catarina Branco, 9º 3ª

Inveja

O sentimento que menos aprecio nas pessoas é a inveja. Há pessoas que têm inveja das notas dos outros, outras do aspeto físico, outras dos bens materiais, e até mesmo da felicidade dos outros. Eu não tolero qualquer tipo de inveja por duas razões.

Primeiramente, se a inveja for extrema, estas pessoas podem prejudicar os outros, fazendo-lhes *bullying* para se sentirem melhor consigo mesmas. Por exemplo, a escola é um ambiente em que estamos sujeitos a

todo o tipo de inveja, e na maior parte das vezes as pessoas nem sabem o porquê de estarem a ser maltratadas e ficam com traumas que podem durar uma vida.

Em segundo lugar, e também na escola, pois é o ambiente em que eu me movimento na maior parte do dia, a inveja pode acabar com amizades que até pareciam ser verdadeiras. É ridículo como, na vida, as pessoas nunca estão felizes com os seus objetivos alcançados, e têm sempre que olhar para os outros e querer estar à

frente.

Por isso é que é importante aprendermos a viver bem connosco próprios para, por exemplo, não prejudicarmos os nossos amigos ou pessoas à nossa volta. Se nós não estivermos bem connosco, mais ninguém vai estar!

Temos que aprender a ultrapassar as situações menos boas e tentar sempre sermos melhores pessoas e não invejosos.

Marta Lopes, 9º4ª



Somos Todos Culpados!

Padre António Vieira foi um dos protagonistas na luta pela defesa dos direitos humanos. A sua obra *Sermão de Santo António aos peixes* é, infelizmente, uma obra intemporal...

Hoje em dia, continuamos a cometer as mesmas atrocidades levadas a cabo pelos contemporâneos de Padre António Vieira. Os mais fortes continuam a explorar os mais fracos. Os países desenvolvidos continuam a aproveitar-se dos países em desenvolvimento, tal como os colonos se aproveitavam dos habitantes do Maranhão.

Nos países em desenvolvimento, continua a não haver direito à educação para todas as crianças, acesso a saneamento básico, nutrientes sufi-

cientes para todos ou igualdade de género. Enquanto isso, nos países desenvolvidos as pessoas excessivamente consomem alimentos diários, utilizam toneladas de água na indústria da carne e são consumidoras de produtos feitos em fábricas por crianças exploradas.

A pobreza não é uma catástrofe natural, mas um fenómeno causado pelo Homem. Somos todos culpados pelo desrespeito dos direitos humanos. As nossas ações e o nosso silêncio continuam a travar a luta pela dignidade humana há séculos.

Mafalda Couto, 11º3ª



Fact file and family project

When we started school, in September, we did not know each other, because it was a new school with new people. So, for our first project in English, we delivered a fact file. In that fact file, we gave information about our age, personality, nationality, birthdate, favourite subjects, activities, colours and food, ... Basically, we got to know each other through a school assignment. It was original, because we did not do the ordinary presentation (when we talk), we did a funnier and nicer presentation and I am glad we made it. A few classes later, we did a tag about our family. It was the perfect excuse to show other people how much we love our family. There were a lot of fantastic results, and they showed to the whole school how much we, the students of 7º5ª, are proud of their families. The assignments are now displayed at Crem, together with the Thanksgiving Season and Poppy Day Cards and Christmas crosswords. We invite you to have a look at them.

Mariana Fernandes, 7º5ª

Projeto Job Shadowing – “Uma experiência a pensar o futuro”



No ano letivo passado demos início a um projeto que faculta, aos nossos alunos do 12º ano de escolaridade, uma experiência real no mundo do trabalho em pelo menos uma área de interesse de cada um. A oportunidade de acompanhar um dia de trabalho de um profissional, no seu local de trabalho, permite conhecer melhor o que se faz e qual o percurso académico necessário para aquela profissão pois os alunos poderão colocar as questões e dúvidas que queiram e contar com a experiência específica do profissional que estão a sombrear.

É uma evidência ano após ano que muitos alunos do 12º ano de escolaridade não sabem que opção tomar quanto às escolhas após o ensino secundário. Alguns vivem tempos de ansiedade porque percebem que os colegas já pensaram e tomaram as suas decisões e eles próprios sentem-se um pouco à deriva num mar de tantas opções! Gosta-se de tanta coisa ou nenhuma...e se eu fizer a escolha errada?

Novas tendências marcam a estrutura e a dinâmica das trajetórias no mundo do trabalho. O emprego estável e para a vida deixa de existir e o acesso e permanência no mercado de trabalho implicam a crescente valorização de um conjunto de atributos diferentes dos tradicionais. Para além dos conhecimentos específicos em permanente

e constante evolução decorrente do progresso científico e tecnológico, também a capacidade de aprender e responder de forma flexível e criativa a novas situações, a capacidade de iniciativa, de relacionamento interpessoal e de trabalho de equipa, entre outros, obrigam a uma responsabilização pela gestão das próprias carreiras.

Avaliando o primeiro ano de implementação deste projeto e tendo em conta o feedback recebido pelas entidades de acolhimento e dos alunos participantes, percebe-se a pertinência deste tipo de experiências, não só pela diferença, em comparação com outro tipo de atividades, nomeadamente visitas às universidades nos dias abertos, mas também porque permite reforçar uma possível escolha ou pelo contrário concluir que afinal não se tem perfil para uma determinada atividade profissional.

Estão abertas as inscrições para a participação deste projeto aos alunos do 12º ano no site da escola! Todas as informações encontram-se lá.

Quisemos associar a este projeto uma imagem que o identificasse de uma forma simples e no contexto do agrupamento de escolas a que pertencemos, e para tal pedimos a colaboração da professora Paula Lima e dos alunos da turma de Artes Visuais, 12º 10ª, na elaboração de um logótipo. Agradecemos a todos os alunos que acolheram o nosso pedido e em particular ao aluno Francisco Belo, autor do logótipo escolhido.

As coordenadoras do projeto

Joana França, Manuela Bastos e

Susana Rodrigues



Um pormenor da ilustração do conto **Natal** dos *Novos Contos da Montanha* de Miguel Torga da aluna Sara Leichsenring, 12º 10ª, disciplina de Desenho A

Associação de Estudantes

O Primeiro Período da Associação de Estudantes

Durante os dias de campanha tivemos o prazer de aprender mais do que esperávamos. O que prevíamos ser três dias de trabalho mas também de descanso das aulas revelaram ser uma experiência surpreendentemente pedagógica.

Dentro de várias lições valiosas aprendemos o quão difícil é não cair na tentação de fazer promessas falsas a um auditório que espera ansiosamente pela nossa palavra para saber onde depositar a sua confiança. É difícil impedir que a vontade de ganhar ultrapasse os valores e ideias que fundam a nossa lista.

No entanto, é com orgulho que podemos afirmar que gradualmente

as promessas estão a transformar-se em feitos. Começamos por fazer uma festa de Halloween onde pudemos contar com a animação de mais de cento e cinquenta alunos do básico.

Queremos também fazer torneios de desportos e de jogos online bem como um café-concerto antes do primeiro período terminar. Ao longo do segundo e do terceiro período esperamos poder desenvolver uma maior colaboração com as escolas na zona de Alvalade, nomeadamente a Escola Padre António Vieira e a Escola Eugénio dos Santos e garantir também que todas as promessas feitas durante os dias de campanha são cumpridas.

Por fim queríamos agradecer mais



uma vez a todos os alunos que depositaram em nós o seu voto de confiança e garantir que vamos trabalhar arduamente para que ultrapassemos as suas expectativas.

A Presidente da Associação

Beatriz Costa, 12^{1ª}

CREM



O C R E M (Centro de Recursos Educativos e Multimédia) da Escola Secundária Rainha Dona Leonor não é apenas uma biblioteca escolar como as que em tempos conhecemos. Não é mais aquele espaço típico de pesquisa e leitura, onde também se requisitavam livros. Pelo contrário, apenas cerca de 3% dos alunos que o frequentam tem essas atividades como objetivo.

O CREM é muito mais do que isso e a sua estrutura e atividade refletem-no. É um espaço multifacetado, formatado pelas necessidades dos alunos da Escola Secundária Rainha Dona Leonor. Ainda bem que assim é!

É o espaço escolar de eleição para o estudo (individual ou em grupo), sendo essa a principal atividade desenvolvida pelos alunos que o procuram (cerca de 65%). É também o espaço escolar preferido pelos alunos quando procuram desenvolver trabalhos (cerca de 25% dos que o frequentam têm essa atividade em mente), seja

através do recurso aos meios informáticos disponíveis ou a outros, seja de modo individual ou em grupo.

Temos assim uma ideia clara das atividades mais comuns desenvolvidas pelos alunos que procuram o CREM: cerca de 9 em cada 10 alunos pretendem estudar ou realizar trabalhos.

Mas o CREM é também um espaço em que os alunos podem jogar, ver um filme, ouvir música, navegar na internet, ver uma exposição ou, como é muito comum na hora de almoço (mas não só) um espaço de convívio (por vezes de modo excessivamente ruidoso). E é ainda, e sempre, o lugar onde se vai requisitar aquele livro

que desejamos ou que o(a) professor(a) nos recomendou ler. É também um espaço utilizado por professores para o desenvolvimento de algumas atividades letivas específicas, deslocando-se as aulas com turma para a sala multimédia anexa ou para o espaço de equipamentos informáticos. E, na ausência de algum professor, é também no CREM que se desenvolvem as atividades educativas de substituição (vulgo aulas de substituição).

Esta lista, incompleta, de atividades desenvolvidas no CREM lembra-nos a necessidade de nos esforçarmos por manter uma tradição das antigas bibliotecas escolares de que frequentemente nos esquecemos: o silêncio possível. O pleno usufruto do CREM por todos sem esse esforço não é fácil.

E, por fim, deixo-vos uma dica: a dica de leitura. Quinzenalmente, apresentamos uma sugestão de leitura e... porque não?"

João Santos



É Um Privilégio Poder Dar



a Todos,
Alunos, Professores, Pais, Funcionários,
Direções das Escolas do Agrupamento,
Muito OBRIGADO por ajudarem como gostariam de ser ajudados!

Paula Crispim

Teresa de Jesus Fernandes

Thaksgiving

Time to show gratefulness, appreciation...

Thanksgiving in Canada

celebrated on the 2nd Monday of October

Thanksgiving in the USA

celebrated on the 4th Thursday of November

Here are a few photos of this school year's display.

by students of the 7th grade (7^o 1^a, 2^a, 3^a, 4^a, 5^a)



A Ronda da Sopa

As pessoas iam aparecendo, pedindo a sopa, o iogurte, a banana; com elas apenas traziam um saco com todos os seus pertences. Sentavam-se no muro a comer mas não só, pois também vinham para conversar, conviviam.

De seguida fomos para edifício de Igreja na Picheleira onde, à porta, já estavam à nossa espera senhoras com sacos que, dentro, tinham vários “tupperwares” para encher de sopa e a levarem com pão, fruta, iogurtes, para a família, amigos, vizinhos.

A Sr.^a D.^a. Natividade enchia os “tupperwares” e nós distribuíamos a restante comida.

Quando fomos embora as senhoras despediram-se de nós com beijinhos. Para elas não era só a comida, mas também o momento de contacto.

A Recolha na nossa Escola

Na terça-feira, 31 de outubro 2017 fizemos uma Recolha na Escola/Agrupamento para podermos ajudar, contribuir com roupas, brinquedos, alimentos e artigos de higiene. Foram feitos preparativos e divulgação nos dias anteriores. De escolas do Agrupamento, como a Eugénio dos Santos, S. Miguel e Coruchéus, vieram dádivas que foram entregues diretamente ao Exército de Salvação

pelas 16 horas.

Quisemos passar a ideia de que É UM PRIVILÉGIO PODER DAR. Ajudar de coração, como gostaríamos de ser ajudados. Um dia podemos ser nós a precisar.

A equipa do 7^o5^a:

Beatriz Guerreiro
Bianca Moura
Bruno Tavares
Inês Martins
João Horta
Leonor Mancellos
Mariana Fernandes

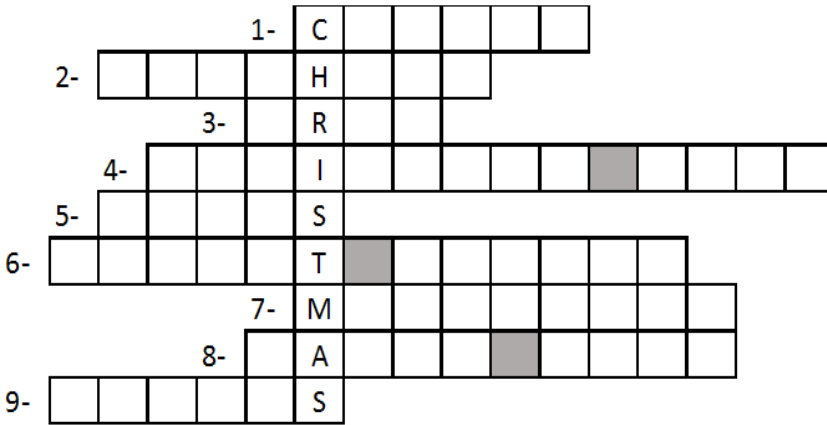
Em nome do **Exército de Salvação** o nosso **MUITO OBRIGADO** a todos os que estiveram envolvidos nesta campanha (Direção, Professores, Alunos, Funcionários, Pais e Encarregados de Educação) do Agrupamento de Escolas Rainha Dona Leonor.

Campanhas como esta dão, sem dúvida, continuidade a uma luta em prol dos mais desfavorecidos em termos sociais, na linha do serviço e da entrega aos mais fragilizados posto em prática por William Booth.

Mais uma vez muito obrigado a todos vós.



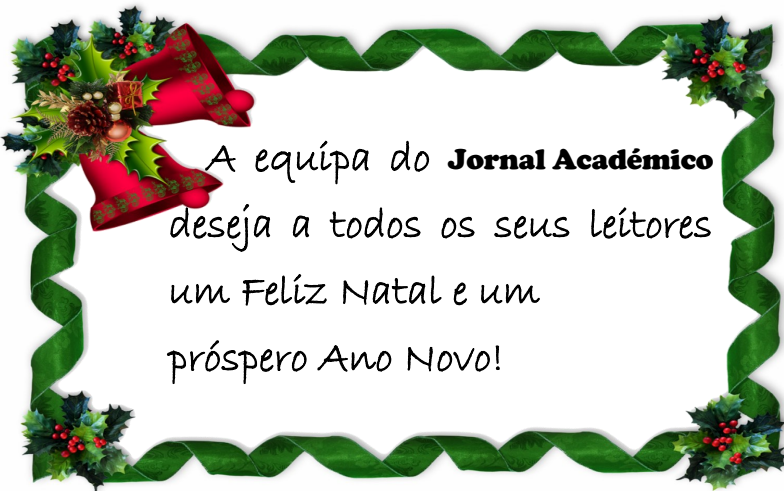
Christmas Season Crossword



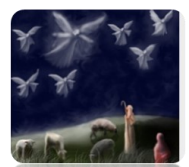
1. Songs whose lyrics are about Christmas.
2. A person that tends and rears sheep.
3. A word that is used instead of Nativity or Manger Scene.
4. An evergreen tree, also in winter, it reminds us of the unchangeable Character of God.
5. They ring to signal the start of the Christmas mass/a church service.
6. Round shaped, it marks the beginning of the four weeks of Advent, with or without candles.
7. It is a plant with red berries.
8. It is a letter associated to Christ's Name; upside down it is also a shepherd's staff, with red and white stripes, typically flavored with peppermint.
9. Synonym of "messengers", they announce the Birth to the shepherds.

Merry Christmas to you all!

Mariana Fernandes, 7º5ª



A few hints:



A Direção agradece aos artistas do **Los Pepes Studio** que, de forma generosa e com muito talento, executaram a pintura do mural na portaria da Escola Secundária Rainha D. Leonor, contribuindo desse modo para transmitir uma imagem moderna, criativa e motivadora para toda a comunidade educativa.

Felicitemos e agradecemos a disponibilidade e empenho dos autores, desejando-lhes os maiores sucessos pessoais e profissionais.

